

O DILEMA DA CONCILIAÇÃO ENTRE MATERNIDADE E A VIDA ESCOLAR E PROFISSIONAL: ARQUITETURA COMO UM FACILITADOR.

SANTOS, Andressa ¹

SOUZA, Íris Parada Soares de ²

SOUZA, Fabio Rodrigo Malikoski de ³

Resumo

Este artigo discorre sobre a realidade de ser mãe, desde o papel da mãe do ponto de vista histórico, até os efeitos que a maternidade traz a vida escolar e trabalhista da mãe. Os números relatados por órgãos de pesquisa nacionais, retratam uma condição alarmante entre as mulheres brasileiras: a falta de instrução ou capacitação educacional. As pesquisas já realizadas com este público de mulheres aponta a maternidade como sendo uma das razões pelas quais as elas interrompem seus estudos, já que cuidar de seus filhos se torna prioridade. Como conclusão, a partir das pesquisas e dados coletados, este artigo sugere que uma tipologia arquitetônica de instituição de ensino que seja um facilitador no retorno de mães a vida escolar, deve também atender seus filhos para que elas possam estudar enquanto eles estão sob cuidados.

Palavras chaves

Maternidade, Educação, Evasão escolar, Cuidados infantis.

Abstract

This article discusses the reality of being a mother, since the role of the mother from the historical point of view, to the effects that motherhood brings to the mother's school and

¹ Autora do artigo e discente do curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Campo Real.

² Mestre em Urbanismo -UERJ, é docente no curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Campo Real, prof_irisparada@camporeal.edu.br.

³Especialista em Gestão Ambiental de Cidades -UTFPR, é docente no curso de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Campo Real, prof_fabiosouza@camporeal.edu.br.

work life. Numbers reported by national research agencies portray an alarming condition among Brazilian women: the lack of education or educational qualification. All the research already done with this public of women points to motherhood as one of the reasons why they interrupt their studies, since taking care of their children becomes a priority. As a conclusion, from the research and data collected, this article suggests that an architectural typology of educational institution that helps mothers to return to school life, should also attend their children so that they can study while the kids are under care.

Key Words

Motherhood, Education, School Dropout, Child Care.

1. INTRODUÇÃO

O papel da mulher na sociedade trouxe na bagagem a imposição de que ser mãe é uma das principais facetas da vida feminina. Ao longo da história, mulheres viviam e ainda vivem de acordo com o pensamento de que são as principais responsáveis por manter seu vínculo familiar forte e que os cuidados com seus filhos dependem única e exclusivamente delas. Essas mulheres carregam consigo o peso da responsabilidade de serem mães, arcando com quaisquer consequências advindas disso.

Todas as mulheres que se tornaram mães relatam que a vida mudou depois da chegada de seus filhos, mas para algumas delas conciliar a vida escolar e a maternidade têm sido um dilema, fazendo com que elas deixem seus estudos ou talvez nem os iniciem.

Uma das razões pelas quais as mulheres abandonam seus estudos e não conseguem retomá-los é o fato de que seus filhos dependem de seus cuidados em tempo integral, conforme a história relata sobre o papel da mãe, ou seja, não há como estudar, pois, nesse caso não haveria quem atendesse seus filhos.

O número de mulheres sem instrução ainda é muito alto e pesquisas apontam que quanto maior o número de filhos menor o número de anos de estudo uma mulher tem.

O objetivo deste artigo é entender o papel de mãe do ponto de vista histórico e como a maternidade afeta a vida das mulheres, principalmente no âmbito escolar.

Já que a maternidade é uma das causas pelas quais as mulheres abandonam seus estudos, busca-se então propor um espaço arquitetônico adequado para que

essas mães possam retornar aos estudos sem negligenciar os cuidados que tem com seus filhos.

1.1 A Maternidade segundo a história

Nos tempos primitivos, segundo o ponto de vista histórico, a mulher tinha a função de domesticação, cultivo da terra, procriação e cuidados com a prole de forma mais escusa, enquanto o homem executava atividades externas que exigiam força e vitalidade, como a caça. (PREHN, 1999).

No final do século XVIII, principalmente no século XIX, os discursos relacionados a maternidade ditavam um perfil de uma mãe dedicada em tempo integral, fazendo com que mulheres aceitassem esse papel de forma mais homogênea. “O papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associado a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos.” (BORSA, FEIL 2008).

Ainda segundo Borsa e Feil (2008), ao longo da história a maternidade tornou-se uma forma de permitir a mulher reconhecimento e valor, sendo talvez a única forma de ser levada em conta socialmente, já que em muitas culturas a maternidade é considerada como um rito de passagem entre ser menina e ser mulher.

O papel de mãe segundo a evolução da sociedade trouxe consigo a definição de que, no vínculo familiar a função da mulher é imprescindível, sem o qual a unidade familiar não sobrevive, onde a mulher equilibra-se entre papéis como de esposa e mãe. (FÁVARO 2007 apud BORSA, FEIL 2008).

Historicamente o papel da mulher atrelado ao cuidado integral com seus filhos acompanha a humanidade por muitas eras. Elisabeth Badinder (1985) defende que o amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, mas sim que esse amor vem de uma construção social.

O fato é que, sendo um fator biológico ou construído socialmente, o tornar-se mãe cuidadosa e dedicada faz sim parte da vida de muitas mulheres desde a antiguidade até os dias atuais.

Se de um modo geral a sociedade sempre induziu as mulheres a crerem que são as principais responsáveis por manter seu vínculo familiar, não é admirar que elas interrompam seus projetos pessoais em nome da família e os cuidados que tem com seus filhos.

1.2 A maternidade e seus efeitos na mulher.

“A experiência da maternidade, desde o começo, é uma espécie de experiência de desrazão temporária, provocando na mulher afetos de teor heróico, de estado de graça, de ambivalência, de angústia.” (BRAGA E AMAZONAS, 2005).

Ser mãe é comparado por Aragão (2002) com a travessia de uma ponte precária, cujo percurso não tem volta. Essa nova condição na vida de uma mulher traz consigo a responsabilidade de zelar pela vida de outro (seu filho), junto com uma espécie de pânico que a motiva a agir poderosamente. Ser mãe é entender que posteriormente serão raros os momentos em que poderá estar sozinha.

A chegada de um filho ou período gestacional é marcado por mudanças físicas e psicológicas no organismo feminino, o que também acarreta em mudanças em seu estilo de vida e possivelmente em seus objetivos. (FERREIRA, 2014).

Não somente no âmbito físico e emocional, as mudanças continuam a ocorrer na vida de uma mulher a partir do dia em que ela se torna mãe. Segundo Fabbro (2006) mulheres que são mães entre 15 e 30 anos têm menores taxas de atividade se comparadas com mulheres sem filhos. A partir dos 30 anos, quando os filhos começam a ser mais independentes, a atividade das mães volta a se assemelhar um pouco em relação as demais mulheres.

A responsabilidade histórica e culturalmente adquirida de ser mães, cuidadoras do lar e dos filhos, trouxe um impacto na vida de muitas mulheres por “impor uma servidão que pode ser esmagadora, ou não, dependendo da sociedade e cultura da qual faz parte”. Esse impacto pode ser sentido nas atividades remuneradas que a mãe poderia exercer mas deixa de fazê-las, ou até mesmo na naturalização do trabalho doméstico gratuito atribuído a ela na totalidade como um processo cíclico que apoia a ideologia da subordinação da feminina e desvaloriza a mulher. (FABBRO, 2006).

“Construiu-se um imaginário de mulher voltada à intimidade, simbolizada como mãe devotada e entregue ao sacrifício, implicando a sua desvalorização profissional, política e intelectual.” (FABBRO, 2006).

O custo advindo da maternidade sentido na vida escolar de mulheres e adolescentes, conforme Menezes (2012), pode acarretar em interrupções na vida

escolar independentemente do nível de instrução (nível fundamental, médio ou superior).

“A gravidez para a adolescente, tira o foco dos estudos e interfere na aprendizagem. Se durante a gravidez não há um bom desempenho escolar [...] depois de ser mãe, fica mais acentuado, porque todo filho precisa de cuidados” (DINIZ E FERNANDES, 2014.)

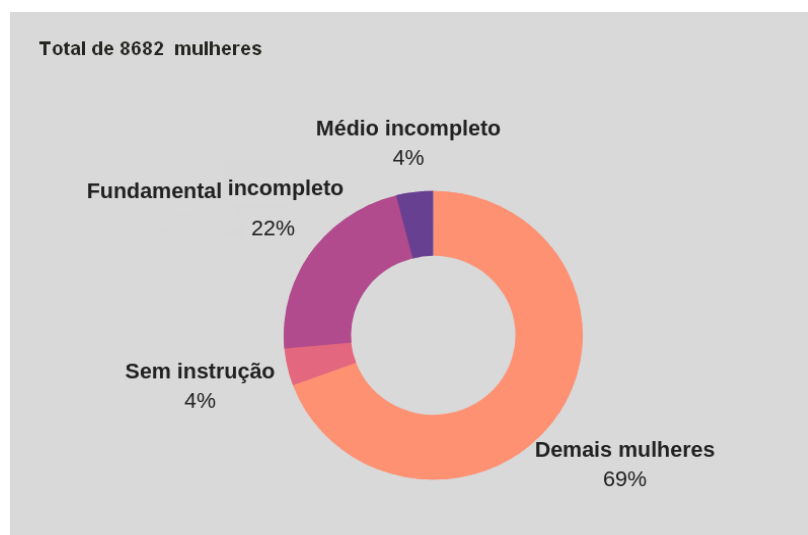
1.3 A maternidade como efeito na vida escolar.

De acordo com as fontes bibliográficas já citadas, a maternidade é sim uma das causas da falta de instrução das mulheres em ordem nacional.

Em seu programa de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2017 (PNAD Contínua) no Paraná, o IBGE demonstrou que de 03 mil mulheres entre 15 a 39 anos entrevistadas, 782 delas não sabiam ler e escrever. (IBGE 2017).

Vamos analisar o gráfico sobre nível de instrução feminina adaptado a partir de dados do IBGE (PNAD 2017).

Gráfico 1- Nível de instrução de mulheres



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE. (PNAD 2017)

No Paraná, obteve-se dados sobre o nível de instrução das mulheres com idade entre 14 a 39 anos, e de um total de 8682 mulheres entrevistadas, 521 não têm instrução, 2811 não concluíram o ensino fundamental e 501 mulheres não concluíram o ensino médio. Uma das possíveis causas de dados

como esse, segundo aponta a bibliografia apresentada pode ser a maternidade que induz a evasão escolar das mulheres.

Mulheres que se tornaram mães abdicaram de sua vida escolar, algumas de forma espontânea e outras por forças das circunstâncias. Algumas dessas mulheres protelam sua volta a vida educacional, pois sua prioridade é cuidar de seus filhos. Em casos mais extremos a procrastinação nos estudos não é espontânea e sim forçada, já que estas mães até sentem o desejo de voltar para a escola, mas não têm nenhum tipo de apoio da rede familiar ou acesso a instituições públicas de cuidados infantis para auxiliá-las com o cuidado de seus filhos enquanto elas estudam.

O percurso escolar de jovens e adultas que se tornam mães pode ser interrompido. Em comparação com jovens e adultas que não passam pela maternidade em período escolar, o nível de escolaridade das mães é menor em quase todos os casos. (DIAS e AQUINO, 2006).

A evasão escolar pode acontecer antes ou depois da gestação, mas influencia diretamente no fato de meninas em idade escolar não estarem na escola, o fato que importa é que após a chegada do bebê o retorno ao ambiente escolar se torna muito mais difícil.

O que se sente do nível de escolaridade que diminui é que conseqüentemente diminuem as oportunidades posteriores. A associação da gravidez com a pobreza, evasão escolar, desemprego, trabalho sem qualificação, dificuldade de ingresso ou ingresso precoce no mercado de trabalho, são temas de discussões sociais. (TABORDA, *et al.*, 2014).

Em seu livro, Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015), relatam sobre uma amostra de 8.283 questionários aplicados em alunos, sendo que destes, 69,4% corresponde a alunos do ensino médio regular (EM); 24,0%, a alunos de cursos de Educação de Jovens e Adultos na modalidade presencial (EJA); 6,7%, a alunos do Projovem Urbano (PJU). Dentro das modalidades pesquisadas, são do sexo feminino: 53,8% dos alunos de EJA; 55,5% do EM; 68,0% PJU, somando um total de 55,3% dos alunos entrevistados que são mulheres.

Quando questionadas sobre os motivos da evasão escolar, a resposta das alunas em 18,01% dos casos foi “por motivo de gravidez”.

Tabela 1- Motivos pelos quais parou de estudar

Motivos pelos quais parou de estudar	EJA		EM		PJU		Total	
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.
Por motivo de gravidez	22,9%	1,4%	13,3%	1,2%	35,7%	,0%	18,1%	1,3%
Por questões de família	21,0%	10,8%	24,9%	21,1%	20,8%	12,8%	23,1%	16,4%
Para trabalhar	26,2%	47,1%	16,4%	27,5%	18,7%	49,0%	20,9%	36,6%
Não gostava de estudar	4,6%	11,3%	6,3%	9,1%	6,9%	12,1%	5,5%	10,1%
Problemas de saúde	5,5%	3,2%	9,8%	6,6%	4,0%	2,0%	7,7%	5,0%
Problemas na escola	2,9%	6,1%	5,2%	7,9%	2,1%	4,0%	4,1%	7,0%
Escola chata/desinteresse	2,1%	4,0%	5,0%	6,6%	1,7%	3,3%	3,6%	5,4%
Violências na escola	1,7%	3,0%	2,8%	2,7%	1,4%	3,3%	2,3%	2,9%
Outro	13,1%	13,0%	16,2%	17,2%	8,7%	13,4%	14,6%	15,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Abramovay, Castro e Waiselfisz (2015)

Dados como esse revelam que existe uma causa recorrente de evasão escolar entre as mulheres: a maternidade. Sabendo-se do que as fez interromper seus estudos basta saber então a razão de não terem retornado a vida escolar após o nascimento de seus filhos.

Em uma pesquisa feita por Taborda, *et al.* (2014), entrevistadas de 4 classes sociais, relatam sua experiência pessoal do porquê abandonaram seus estudos e porquê não retornaram: “É... Depois que a nenê nasceu, ficou tudo complicado, eu não tinha com quem deixar[...] Uma hora eu deixava com a vizinha, outra com minha avó. Até que parei de estudar, e agora ficou melhor (D3 classe D).”

Outra entrevistada acrescenta sobre as mudanças do pós maternidade: “[...] tive que deixar de estudar, pois meus pais trabalham e eu não tenho ninguém que eu possa deixar a nenê, quando ela crescer eu vou voltar a estudar e arrumar um emprego, para que eu possa dar o melhor para ela (C3 classe C);” (TABORDA, *et al.*, 2014)

Nesta pesquisa que as classes C e D, as mais vulneráveis financeiramente, são as que mais têm queixas sobre como a vida foi afetada pela gestação e cuidado com os filhos.

Este problema não se limita somente a ordem nacional, mas é sentido também no município de Guarapuava. Na pesquisa realizada com 21 guarapuavanas que se tornaram mães ainda em idade escolar, o relato sobre a dificuldade em conciliar os estudos e a maternidade aparece em unanimidade. Das 21 mães entrevistadas, 7 pararam de estudar ainda antes de darem à luz, e não obtiveram amparo para que pudessem retornar, o que justifica a

preocupação com tema no âmbito local e motiva a proposição de um projeto arquitetônico visando atendimento ao público específico já delineado.

É importante salientar que ações de cunho similar têm sido bem-sucedidas como por exemplo, as Salas de Acolhimento, que no Paraná ocorrem em algumas escolas de Curitiba. Este programa vem auxiliando a frequência escolar de jovens mães, principalmente de classes sociais vulneráveis, já “que atendem a crianças de zero a oito anos, filhos de jovens estudantes do Projovem Urbano”, que é um programa da modalidade de EJA implantado em cidades brasileiras. (ABRAMOVAY e CASTRO, 2016). Relatos de mães que utilizam esses espaços para deixarem seus filhos nos fazem crer que aliar o cuidado, apoio e amparo as mães também acarreta diretamente o cuidado com seus filhos pequenos.

Segundo o MEC (Ministério da Educação) “as salas são fundamentais para a permanência dos jovens até a conclusão do curso. ”, já que seus filhos têm cuidado, eles podem estudar despreocupados. O impacto também é positivo nas crianças, pois há melhoria nas relações das crianças em suas escolas, em alguns casos com melhoria de desempenho, e na socialização com colegas e professores. (MEC, 2015).

Embora haja uma garantia legal de que de que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deva se adequar as necessidades de seus alunos, pode-se notar um desamparo do público das mães em específico. Além disso a garantia municipal de oferta de vagas em creches para que as mães possam retornar aos estudos não acontece na prática.

Conclui-se então, que a tipologia educacional atual não atende à necessidade das mães. Se espaços que contam com centros de cuidados infantis implantados, como a Sala de Acolhimento, reduzem o índice de evasão escolar, subentende-se que então para adequar-se à realidade das mães a tipologia arquitetônica deve contemplar mães e filhos. Isso se daria na oferta de uma escola na modalidade de EJA, com opções de profissionalização para as mães e um adicional do centro de cuidados infantis para os bebês.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para elaborar esta pesquisa foi importante conhecer o que já vem sendo discutido sobre o problema da maternidade e a vida escolar. Neste tipo de

pesquisa foi possível encontrar fontes que descrevem que o problema não é uma situação isolada, mas sim nacional.

Conforme Gil (2008) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. ” Como visitar todos os territórios brasileiros a procura de dados seria de extrema dificuldade, a bibliografia pode informar dados sem obstáculos.

“A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários. ” (GIL, 2008).

Para comprovação de que a questão apontada é também uma realidade no âmbito municipal foi realizada também uma pesquisa quantitativa para estimar dados numéricos acerca da realidade de algumas mães guarapuavanas. Essas mulheres foram selecionadas individualmente por se encaixarem nos quesitos: ter se tornado mãe ainda em idade escolar, residir em Guarapuava e ter a disposição de relatar sua experiência. Vale ressaltar que o intuito dessa pesquisa é demonstrar uma realidade através de um pequeno grupo que representa a classe, mas se tem a ciência de que é de extrema dificuldade estimar um dado que represente fielmente o universo das mães por completo.

Toda via, a pesquisa quantitativa tem como objetivo transformar em números opiniões e informações com fim de análise. (MORESI, 2003). O que corrobora com Gil (2008) que define em seu texto a pesquisa quantitativa como sendo: “a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado. ”

Como havia o interesse em coletar depoimentos pessoais das entrevistadas para que com base em suas experiências pudéssemos estabelecer similaridades e divergências com intuito de melhorar a proposta arquitetônica final, foi também utilizado o método qualitativo.

A escolha deste método se justifica quando constatada sua definição, que é: “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (UFRGS, 2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

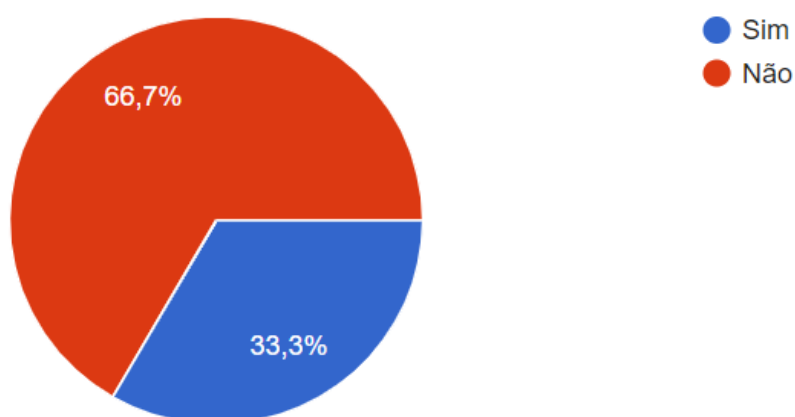
Conforme visto no item 1.1 a história trouxe consigo um papel de mãe dedicada em tempo integral, como sendo a única responsável pela prole, conforme Borsa e Feil (2008) quando retratam como esse discurso se tornou popular entre os séculos XVIII e XIX.

Não é de admirar que a partir do momento em que se tornam mães muitas mulheres abdicam de seus desejos pessoais em prol dos cuidados com seus filhos. A chegada de um filho pode acarretar em mudanças físicas e emocionais em uma mulher, além dos custos sentidos na vida trabalhista e educacional. Esta realidade é também descrita por Menezes (2012), que discorre sobre o custo advindo da maternidade sentido na vida escolar de mulheres e adolescentes.

Enquanto dados numéricos, o IBGE (2010) comprova o efeito da maternidade na vida escolar das mulheres. “Para o país como um todo, as mulheres com até 7 anos de estudo tinham, em média, 3,19 filhos enquanto o número de filhos das mulheres com 8 anos ou mais de estudo era 1,68.” Se os anos de atividades escolares decrescem de acordo com o aumento no número de filhos, pode-se presumir que a maternidade influencia na interrupção da vida escolar.

Este dado é similar ao que demonstra a pesquisa feita com 21 guarapuavanas entre 13 a 18 anos, onde 7 delas deixaram seus estudos quando souberam de sua gestação, conforme demonstrado pelo gráfico:

Gráfico 2 - respostas para a questão: “Você parou de estudar depois que soube da gravidez?”



Elaborado pela autora a partir do GoogleForms.

Ainda segundo o IBGE (PNAD 2017), o nível de instrução das mulheres no Paraná de mulheres com idade entre 14 a 39 anos, e de um total de 8682 mulheres entrevistadas, 521 não têm instrução, 2811 não concluíram o ensino fundamental e 501 mulheres não concluíram o ensino médio.

Das entrevistadas em Guarapuava, 76,2% estava no ensino médio quando descobriu a gestação e 23,8% no ensino fundamental. Sendo que 1/3 do total das entrevistadas em Guarapuava interrompeu os estudos, pode-se dizer que a maternidade foi um dos motivos de não conclusão do ensino fundamental e médio, pelo menos no que se trata do universo das entrevistadas.

A evasão escolar segundo dados já citados no item 1.3 é justificada em alguns casos pela gravidez durante o a idade escolar e é um problema recorrente. Não há um enfrentamento específico para esta questão. “O Ministério da Educação afirmou que não tem um programa específico que trate desse público (mães e gestantes em idade escolar que desistem dos estudos).” (G1, 2015.)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) cita no Título III “Do direito à educação e do dever de educar”, que as modalidades ofertadas aos jovens e adultos devem se adequar as necessidades de tais. O item VII do título III da LDB, cita como dever do Estado a “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; ” (BRASIL, LEI Nº 9.394, 1996.).

Ao tratar de adequações as suas necessidades, as mães podem se dizer desatendidas quando têm o desejo de estudar e não podem porque seus filhos não têm onde ficar. As jovens mães que têm a oportunidade de continuar seus estudos após o nascimento do bebê, são na maioria aquelas cuja rede familiar dá total apoio e cuidado a criança durante o período de aula da mãe, assim como demonstra o gráfico:

Gráfico 03- Respostas para a pergunta: “Se você continuou os estudos, alguém na sua família cuidava do bebê enquanto você ia para a escola? ”



Elaborado pela autora a partir de GoogleForms.

As mães sem uma rede familiar de apoio para os cuidados com seus filhos foram forçadas pelas circunstâncias a abandonar seus estudos já que estão desamparadas do ponto de vista institucional.

As instituições existentes em Guarapuava que podem servir de base comparativa, não atendem plenamente essas necessidades já apontadas de gerar cuidados para as crianças abaixo da idade escolar e proporcionar o retorno de suas mães a vida escolar, embora a prefeitura cite como meta “[...] ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência do plano municipal de educação.” (GUARAPUAVA, 2015).

Noventa e cinco por cento das mães entrevistadas em Guarapuava, consideram como ótima a oportunidade estudar em um local que ofereça cuidados para seu(s) filho(s) enquanto elas estudam no mesmo espaço. Esse espaço que antede as necessidades das mães e de seus filhos supre o desamparo das mães perante as políticas públicas.

Em seus depoimentos, essas mães respondem, baseadas em suas experiências pessoais, se acham que um espaço em que elas pudessem estudar e levar seus filhos consigo seria ou não um facilitador:

“Super!!!!!!! Esse é o motivo mais real que a maioria das Mães na Adolescência abandonam os estudos. A falta de empatia, tanto em casa quanto na escola. Ter onde deixar os filhos, sabendo que estamos perto, seria sensacional! Assim poderia sem duvidas garantir o nosso futuro e o dos pequenos.”

“Com toda certeza sim, pois ao contrário de mim, que tive 100% apoio da família, continuei morando com meus pais e não tive a obrigação de cuidar de uma casa, havia outras meninas na escola que não tinham as mesmas oportunidades ou apoio familiar. Assim, ou deixaram a escola, ou pelo menos atrasavam um ano. A gravidez na adolescência ainda é mal vista por diversas famílias, e o apoio à mãe adolescente por meio de oferta de espaço com cuidadores profissionais a seus filhos durante seus estudos é a única forma de manter os estudos de algumas gestantes.”

“Ah com certeza e muito. Ia ser maravilhoso. Pq assim eu estaria acompanhando o desenvolvimento dela perto de mim. Sem precisar deixar em casa chorando.”

“Sem duvidas.. uma motivação para continuar os estudos. Maior segurança em saber q o bebê está próximo se precisar poder amamentar seria ótimo.”

As mães entrevistadas, 14,3% dela relataram não ter tido apoio das escolas onde estudavam depois que souberam de sua gravidez e 42,9% dizem ter sido amparadas parcialmente. Este dado prova que a tipologia educacional regular e atual não está preparada para receber mães e atender suas necessidades.

Os dados, bibliografias e depoimentos apontam que a tipologia arquitetônica ideal para a necessidade de uma mãe deve atender não somente a ela, mas também a seu (s) filho (s).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas da bibliografia existente e de dados coletados a partir de uma pequena parcela do público de mães no município de Guarapuava, conclui-se que uma proposta arquitetônica que facilite a conciliação da maternidade e vida escolar deve atender as mães e seus filhos.

Então, propõe-se um modelo que abrigará a modalidade EJA (educação de jovens e adultos) em níveis de alfabetização básica, ensino fundamental e médio, além de ofertar cursos profissionalizantes de curta duração para a reinserção dessas mulheres no mercado de trabalho, denominado Centro Educacional para Mães. Mas para que essa escola funcione para as mães, propõe-se em adição um centro de cuidados infantis para que elas deixem seus filhos sob cuidados de profissionais da área de educação infantil enquanto estudam. O centro de cuidado infantil terá oferta para crianças de 6 meses a 4 anos, cujas mães estão matriculadas na escola EJA ou profissionalizante, pois supõe-se que a partir dos 4 anos a criança já será atendida obrigatoriamente por

pelo menos um período em rede municipal de educação, deixando assim um período do dia livre para que sua mãe retorne aos estudos.

O número de alunas a serem atendidas na escola tem como base o número total de alunos matriculados no EJA no município. O total de matrículas em Guarapuava, segundo o núcleo da educação é de 1871 matrículas, mas vale ressaltar que o número de matrículas não corresponde ao número de alunos, já que muitas vezes um aluno está matriculado em mais de uma disciplina. O número de alunos é considerado pelo núcleo da educação como um terço do número de matrículas, sendo de aproximadamente 623 alunos no total.

Segundo a média nacional, 49% das matrículas no EJA são de mulheres. (REVISTA EDUCAÇÃO, 2016). Levando em consideração que 49% do total de alunos matriculados no EJA no município são mulheres, chegamos ao número de aproximadamente 305 alunas, e este será o público atendido no Centro Educacional para mães.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian e CASTRO, Mary, **Gênero e cuidado em políticas: Salas de acolhimento do ProJovem urbano**. Março de 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n163/1980-5314-cp-47-163-00264.pdf>>. Acesso em: 22 de agosto de 2018.

ABRAMOVAY, Mirian, CASTRO, Mary, WASELFISZ, Júlio. **Juventudes na Sentidos e Buscas: Escola, por que frequentam?** p. 65. 2015. Brasília-DF. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

ARAGÃO, R. O. **De mães e de filhos**. 2002. Disponível em: <<http://www.estadosgerais.org>>. Acesso em 22 de Outubro de 2018.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira 1985. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 25 outubro 2018.

BORSA, Jualiane e FEIL, Cristiane. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. Junho de 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>>. Acesso em: 11 de agosto de 2018.

BRAGA, Maria da Graça Reis; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida.

Família: maternidade e procriação assistida. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 outubro 2018.

BRASIL. **Lei Nº 9.394 Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 1996. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 11 de novembro de 2018.

DIAS, acácia E AQUINO, Estela. **Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil.** Julho de 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n7/09.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2018.

DINIZ, Nilva; FERNANDES, Nivaldo. **A gravidez na adolescência: análise das Consequências e discussão das possíveis causas.** 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_artigo_nivaldo_fernandes.pdf>. Acesso em: 10 de Novembro de 2018.

FABBRO, Márcia. **Mulher e Trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade.** 2006. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253283/1/Fabbro_MarciaReginaCangiani_D.pdf>. Acesso em 02 de Novembro de 2018.

FERREIRA, G. **Gestação na adolescência e suas implicações: projeto de intervenção na unidade de saúde Ipanema II em Uberlândia – MG.** 2014.

Disponível em:

<<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/gestacao-adolescencia-implicacoes-projeto-intervencao.pdf>>. Acessado em: 25 outubro 2018.

G1. **No Brasil, 75% das adolescentes que têm filhos estão fora da escola.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/no-brasil-75-das-adolescentes-que-tem-filhos-estao-fora-da-escola.html>>. Acesso em: 30 de Outubro de 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo. 2008. Editora Atlas S.A

GUARAPUAVA, **LEI Nº 2414, 2015**, aprova o Plano Municipal de Educação de Guarapuava - PME, para o decênio 2015/2025 e dá outras providências. 2015. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/g/guarapuava/lei-ordinaria/2015/241/2414/lei-ordinaria-n-2414-2015-aprova-o-plano-municipal-de-educacao-de-guarapuava-pme-para-o-decenio-20152025-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil socioeconômico da maternidade nos extremos do período reprodutivo**. Setembro, 2010. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13899-asi-sis-2010-mulheres-mais-escolarizadas-sao-maes-mais-tarde-e-tem-menos-filhos>>. Acesso em 11 de setembro de 2018.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 24 de agosto de 2018.

MEC- Ministério da Educação. **Salas de acolhimento garantem permanência de pais nos cursos. 2015**. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/33091-salas-de-acolhimento-garantem-permanencia-de-pais-nos-cursos>>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

MENEZES, Azancot. **Reflexões sobre a educação**. Luanda: Editora Mayamba, 2012.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. 2003. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34168313/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1541797936&Signature=R0rTg%2BXxxlo0ID7goyvh6aFmi%2Fc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_da_Pesquisa_PRO-REITORIA_DE.pdf> . Acesso em: 08 Novembro de 2018.

PREHN, A.R. Divisão sexual do trabalho: isso é coisa de mulher? In: Roso, A.; Mattos, F.B.; Werba, G. & Strey, M.N. (Org.) **Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho**. 1999. Porto Alegre: EDIPUCRS.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Homens negros são maioria na EJA**. 2016. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/homens-negros-sao-maioria-na-eja/>>.

Acesso em: 11 de novembro de 2018.

TABORDA, Joseane, SILVA, Francisca, ULBRICHT, Leandra e NEVES, Eduardo. **Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v22n1/1414-462X-cadsc-22-01-00016.pdf>>.

Acesso em: 24 de agosto de 2018.

UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Métodos de Pesquisa**. 2009. Editora UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 09 de novembro de 2018.